

# **Curso de Avaliação VBMAPP no Autismo**



## NOME DO CURSO:

### Avaliação VBMAPP no Autismo

A avaliação VBMAPP representa uma das ferramentas mais robustas e eficientes para o mapeamento de marcos do desenvolvimento e verificação de barreiras de aprendizagem em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. Este curso oferece uma abordagem detalhada sobre a aplicação prática do protocolo, permitindo que profissionais da saúde e educação realizem diagnósticos comportamentais precisos, estruturem planos de ensino individualizados coerentes e monitorem o progresso do repertório verbal de maneira criteriosa e quantificável. O conhecimento obtido fortalece a prática baseada em evidências, aprimorando a tomada de decisão clínica no ambiente terapêutico.

#vbmapp      #autismo      #analisedocomportamento      #aba  
#educacaoespecial      #fonoaudiologia      #psicopedagogia  
#desenvolvimento infantil      #atrasodesdesenvolvimento  
#intervenciaoprecocidade

## O QUE VOCÊ VAI APRENDER:

- Fundamentos teóricos e analítico-comportamentais do protocolo VBMAPP
- Avaliação detalhada dos marcos do desenvolvimento verbal e social
- Identificação e mensuração das barreiras que dificultam a aprendizagem

- Condução do teste de transição para tomada de decisões educacionais
- Análise de pareamento ao modelo e habilidades pré-acadêmicas
- Elaboração do Plano de Ensino Individualizado baseado nos resultados
- Estratégias para registro de dados e monitoramento de progresso contínuo

#### PÚBLICO-ALVO:

- Psicólogos e analistas do comportamento
- Fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais
- Psicopedagogos e educadores especiais
- Professores de salas de recursos multifuncionais
- Estudantes de pós-graduação em Análise do Comportamento Aplicada

#### Módulo 1: Fundamentos da Avaliação VBMAPP

Aula 1.1: Histórico e Origem do VBMAPP O protocolo VBMAPP foi desenvolvido pelo doutor Mark Sundberg com base nos princípios teóricos formulados por B. F. Skinner em sua obra sobre o comportamento verbal. A ferramenta foi projetada para preencher uma lacuna crítica na avaliação de crianças com atrasos de linguagem e autismo, integrando marcos do desenvolvimento infantil com a análise funcional da linguagem. Historicamente, a

avaliação do comportamento verbal era limitada a testes padronizados que mediam apenas a topografia da fala, ignorando as variáveis de controle ambiental que mantêm a comunicação. Sundberg estruturou o instrumento para mapear não apenas o que a criança diz, mas sob quais condições ela emite determinada resposta operante.

A compreensão da evolução do VBMAPP exige a análise detalhada de como a teoria comportamental transformou a prática clínica da intervenção precoce. O protocolo considera as etapas típicas do desenvolvimento até os trinta e seis meses de idade, estabelecendo uma linha de base clara para a intervenção. Na prática operacional, o profissional deve reconhecer que o instrumento difere de testes normativos convencionais por focar na função do comportamento. O uso incorreto da ferramenta sem o domínio histórico de seus fundamentos frequentemente resulta na escolha inapropriada de metas comportamentais e na falha em identificar lacunas funcionais no repertório do indivíduo.

Aula 1.2: A Teoria do Comportamento Verbal de Skinner A obra Comportamento Verbal de B. F. Skinner fornece a base conceitual indispensável para a aplicação criteriosa do VBMAPP. Skinner propôs que a linguagem não é uma faculdade mental inata, mas sim um comportamento operante mantido por consequências fornecidas pela comunidade verbal. Diferente das abordagens linguísticas tradicionais que dividem a linguagem em receptiva e expressiva, a análise funcional de Skinner categoriza a linguagem em operantes verbais específicos, definidos pelas suas variáveis antecedentes e

consequentes. Essa mudança de paradigma permite identificar falhas na comunicação que passam despercebidas em avaliações convencionais de linguagem.

Na prática clínica, o profissional que aplica o VBMAPP deve dominar as distinções entre estímulos discriminativos, operações motivacionais e reforçadores que mantêm cada resposta verbal. A falha em distinguir essas variáveis pode levar a erros graves no ensino, como treinar a repetição de palavras sem que a criança compreenda como utilizá-las para fazer solicitações. As boas práticas exigem que o avaliador analise continuamente o controle de estímulos envolvido nas respostas do cliente. Erros comuns incluem pressupor que a posse de um operante verbal, como o tato, garante a emissão do mand correspondente sem treino específico.

Aula 1.3: Estrutura Geral e Componentes do Instrumento A estrutura do VBMAPP é composta por cinco componentes integrados que oferecem um panorama completo do perfil comportamental da criança. O primeiro componente é a avaliação de marcos, composta por cento e setenta e sete marcos distribuídos em três níveis de desenvolvimento. O segundo componente é a avaliação de barreiras, que identifica vinte e quatro obstáculos comuns que impedem o aprendizado. O terceiro é o teste de transição, projetado para avaliar se a criança possui as habilidades necessárias para aprender em ambientes menos restritivos. Completam o protocolo o rastreamento de tarefas e o plano de ensino individualizado.

O profissional deve compreender a inter-relação entre esses componentes para conduzir um processo de avaliação verdadeiramente integrativo e eficaz. A aplicação isolada de apenas um componente compromete a validade dos dados e impede o planejamento adequado do ensino. No contexto operacional, o avaliador organiza os materiais específicos e os protocolos de registro antes de iniciar a sessão, garantindo a precisão na coleta dos dados. O erro mais frequente observável na prática é focar exclusivamente nos marcos do desenvolvimento, negligenciando as barreiras comportamentais que podem neutralizar os ganhos obtidos na intervenção.

Aula 1.4: Níveis do Desenvolvimento no VBMAPP A avaliação de marcos do VBMAPP é subdividida em três níveis de desenvolvimento que correspondem a faixas etárias do desenvolvimento típico. O Nível Um contempla o desenvolvimento equivalente de zero a dezoito meses, focando em habilidades primárias como mand, tato, ecoico e rastreo visual. O Nível Dois cobre a faixa de dezoito a trinta meses, introduzindo operantes mais complexos como intraverbal, ouvinte e comportamento de grupo. O Nível Três abrange de trinta a trinta e seis meses, focando em habilidades pré-acadêmicas, conceitos gramaticais e interações sociais avançadas com pares.

A determinação correta do nível de desenvolvimento do indivíduo permite delimitar o ponto de partida do ensino e evitar a sobrecarga de demandas inadequadas. Durante a aplicação prática, o avaliador deve transitar com flexibilidade entre os níveis para identificar o teto

de desempenho do aluno em cada área funcional. O impacto profissional de um mapeamento correto reflete-se na construção de currículos personalizados e realistas. Um erro recorrente é avançar para o ensino de marcos do Nível Três quando o aluno ainda apresenta lacunas críticas no Nível Um, o que compromete a estabilidade do aprendizado.

**Aula 1.5: Preparação do Ambiente e Materiais** A preparação adequada do ambiente de testagem e a seleção prévia dos materiais são requisitos essenciais para garantir a fidedignidade dos resultados do VBMAPP. O ambiente deve ser estruturado de forma a minimizar distratores visuais e auditivos, oferecendo ao mesmo tempo flexibilidade para momentos de observação natural e testagem formal. Os materiais devem ser organizados em caixas ou pastas etiquetadas segundo o operante verbal testado, incluindo brinquedos do interesse da criança, itens de uso diário, cartões de figuras claras e objetos tridimensionais. A falta de organização prévia prejudica a fluidez da avaliação e afeta o engajamento da criança.

No contexto operacional da avaliação, o profissional precisa equilibrar a testagem estruturada à mesa com a observação contínua durante o brincar livre. A aplicação do VBMAPP exige que o avaliador conheça profundamente o repertório de reforçadores do indivíduo para manter a motivação elevada ao longo das tarefas. As boas práticas recomendam realizar uma avaliação de preferência antes de iniciar a aplicação formal. Um erro operacional frequente é apresentar materiais ultrapassados, danificados ou ambíguos, o que

pode gerar respostas incorretas que não refletem a real capacidade do aluno.

## Módulo 2: Operantes Verbais Primários no VBMAPP

**Aula 2.1: Avaliação do Mand** O operante verbal mand é a única resposta verbal que beneficia diretamente o falante, pois é motivado por uma operação motivacional e mantido por um reforçador específico. No VBMAPP, a avaliação do mand é central porque a habilidade de solicitar itens, atividades ou informações reduz drasticamente comportamentos-problema decorrentes da frustração. A testagem do mand exige que o avaliador identifique o estado motivacional presente do indivíduo no momento exato da solicitação. Não é possível testar o mand de forma válida se a criança não estiver em um estado de privação do item desejado.

Durante a condução do teste de mand, o profissional deve manipular o ambiente para criar ou capturar momentos de motivação natural do aluno. Por exemplo, colocar um item altamente desejado à vista, mas fora do alcance, cria o contexto ideal para a emissão da resposta verbal. O impacto clínico do ensino correto do mand é transformador para o repertório social do indivíduo. Um erro técnico frequente cometidos por avaliadores inexperientes é fornecer a dica verbal o que você quer, o que transforma a resposta do aluno em um tact ou intraverbal sob controle da pergunta, descaracterizando o mand puro.

**Aula 2.2: Avaliação do Tato** O operante verbal tato consiste na nomeação de objetos, ações, propriedades ou eventos do ambiente

físico sob o controle de um estímulo antecedente não verbal e mantido por reforço social generalizado. No VBMAPP, o tato avalia a capacidade da criança em discriminar o mundo ao seu redor e compartilhar essa percepção com os outros. A avaliação progride de objetos simples e conhecidos do cotidiano até a identificação de partes de objetos, adjetivos, pronomes, emoções e relações espaciais complexas contidas nos níveis mais avançados do instrumento.

Na rotina operacional da avaliação do tato, o profissional apresenta o estímulo visual e pergunta o que é isso, sem fornecer qualquer indicação da resposta correta. É fundamental que o reforçador fornecido após a resposta seja social e desvinculado do objeto nomeado para garantir que o operante seja um tato puro. A consolidação do repertório de tato expande significativamente a capacidade de comunicação da criança. Um erro recorrente na avaliação do tato é permitir que o aluno toque ou pegue o objeto enquanto nomeia, o que pode misturar o operante de tato com solicitações ou comportamentos de ouvinte.

**Aula 2.3: Avaliação do Ecoico e Imitação Motora** O operante verbal ecoico envolve uma resposta vocal que possui correspondência ponto a ponto e similaridade formal com o estímulo antecedente vocal fornecido por outra pessoa. A imitação motora, embora não seja um operante verbal em si, desenvolve-se de forma paralela e serve como base para a comunicação gestual ou por sinais. O VBMAPP utiliza a subavaliação da capacidade de imitação vocal EIBI para avaliar a capacidade do aluno de reproduzir sons, sílabas

e palavras sob controle de um modelo falado. Esse repertório é crucial para o desenvolvimento do controle da fala articulada.

Durante a testagem do ecoico, o avaliador emite o som ou palavra e aguarda a repetição imediata por parte do aluno, registrando a precisão da produção fonética. O teste de imitação motora avalia a capacidade de copiar movimentos motores grossos, finos e com objetos. A aquisição dessas habilidades é um pré-requisito essencial para o aprendizado por observação e instrução direta. O erro comum na avaliação do ecoico é aceitar aproximações grosseiras da fala como respostas corretas nos níveis onde a precisão fonética e a correspondência ponto a ponto são estritamente exigidas pelo protocolo.

**Aula 2.4: Avaliação da Resposta de Ouvinte** A resposta de ouvinte, tradicionalmente referida como linguagem receptiva, ocorre quando o comportamento do indivíduo é modificado por estímulos verbais emitidos por outra pessoa. No VBMAPP, a avaliação do ouvinte analisa se a criança consegue seguir instruções, selecionar itens em um arranjo visual ou executar ações motoras quando solicitada verbalmente. O desenvolvimento da habilidade de ouvinte é fundamental para a autonomia da criança e para a sua inclusão em ambientes escolares e comunitários, permitindo que ela responda adequadamente ao comando de terceiros.

A condução prática da avaliação de ouvinte exige rigor na eliminação de dicas não verbais involuntárias por parte do aplicador, tais como olhar para o objeto correto ou fazer gestos em direção ao item target. O avaliador emite a instrução verbal clara,

como mostre o carro, e observa a resposta de seleção da criança entre diferentes distratores. O domínio dessa habilidade assegura que a criança compreenda as solicitações do ambiente. O erro técnico mais frequente é repetir a instrução verbal várias vezes seguidas enquanto a criança procura o item, o que altera as condições do estímulo antecedente.

Aula 2.5: Avaliação do intraverbal O operante verbal intraverbal ocorre quando uma resposta verbal é emitida sob o controle de um estímulo antecedente verbal sem que haja correspondência ponto a ponto entre o estímulo e a resposta. O intraverbal é a base da conversação, da resposta a perguntas, do preenchimento de lacunas e do raciocínio categórico. A avaliação desse operante no VBMAPP inicia-se com o preenchimento de músicas e sons de animais no Nível Dois e avança para respostas a perguntas complexas contendo múltiplos componentes conceituais no Nível Três.

A testagem do intraverbal deve ser conduzida sem o suporte de estímulos visuais ou objetos presentes no ambiente, garantindo que o controle da resposta seja puramente verbal. A habilidade de manter uma conversa fluida depende da riqueza e complexidade do repertório intraverbal acumulado pelo indivíduo. O erro mais recorrente durante a avaliação é manter objetos correspondentes à pergunta no campo visual da criança, convertendo involuntariamente o teste de intraverbal em uma avaliação de tato ou de resposta de ouvinte acompanhada de dica.

Módulo 3: Operantes de Nível Intermediário e Avançado

Aula 3.1: Habilidades Sociais e Brincar Social A avaliação do brincar social e das habilidades sociais no VBMAPP analisa como a criança interage com seus pares e utiliza seus operantes verbais em contextos de socialização natural. No Nível Um, avalia-se o engajamento com objetos e a tolerância à presença de pares. No Nível Dois, o foco passa para o brincar compartilhado, a imitação de pares e a emissão de mandos para outras crianças. No Nível Três, o protocolo investiga a capacidade de manter conversas estruturadas com pares, participar de jogos cooperativos e compreender regras sociais complexas.

A mensuração dessas habilidades deve ocorrer preferencialmente em ambientes naturais ou de integração, como parques e salas de aula, observando interações sem a mediação direta de adultos. A consolidação de competências sociais é vital para o desenvolvimento afetivo e a inclusão comunitária do indivíduo. O erro comum dos avaliadores é tentar testar habilidades sociais exclusivamente em ambiente clínico estruturado individualmente, o que mascara as reais dificuldades ou facilidades da criança no contexto social dinâmico.

Aula 3.2: Leitura, Escrita e Matemática no Nível Três A seção acadêmica do VBMAPP avalia as habilidades pré-acadêmicas e acadêmicas de leitura, escrita e matemática emergentes no Nível Três do desenvolvimento. A avaliação de leitura investiga o reconhecimento de letras, a discriminação de palavras impressas e a associação entre texto e imagem. A avaliação de escrita abrange o traçado de letras, a cópia de palavras e a escrita sob ditado. Em

matemática, avalia-se a contagem, o reconhecimento de numerais, a correspondência termo a termo e a identificação de quantidades e formas geométricas.

A aplicação dessas etapas requer a utilização de materiais impressos claros, organizados e visualmente atraentes, minimizando a sobrecarga cognitiva do aluno. O desenvolvimento dessas competências fundacionais é o alicerce para a escolarização formal e a aprendizagem autônoma. Um erro frequente dos profissionais é pular a testagem dessas habilidades por considerarem a criança muito jovem, sem verificar se o repertório pré-acadêmico já começou a ser formado de maneira natural ou por instrução prévia.

**Aula 3.3: Estrutura Linguística e Respostas Sintáticas** A avaliação da estrutura linguística no VBMAPP analisa o avanço da gramática, da sintaxe e da articulação do aluno à medida que sua linguagem verbal se torna mais complexa. No Nível Três, o protocolo investiga o uso correto de plurais, tempos verbais, pronomes, preposições e a extensão média da fala. Esta seção não se limita à emissão correta das palavras, mas analisa se a criança consegue combinar diferentes operantes verbais para estruturar frases sintaticamente complexas e funcionais no seu dia a dia.

A coleta de dados sobre a estrutura linguística exige que o profissional grave ou registre com precisão as produções vocais espontâneas e induzidas do aluno durante as sessões de avaliação. A análise minuciosa desses dados permite identificar deficits específicos na construção frasal que orientarão o fonoaudiólogo e o

analista do comportamento. O erro mais comum é focar apenas na quantidade de palavras conhecidas pelo aluno, ignorando a pobreza estrutural ou os desvios gramaticais persistentes na fala espontânea.

Aula 3.4: Rastreio Visual e Pareamento ao Modelo A habilidade de rastreio visual e o pareamento ao modelo constituem a base para o processamento de informações visuais e para o desenvolvimento de discriminações complexas. O VBMAPP avalia desde o acompanhamento visual de objetos em movimento até o pareamento de objetos idênticos, figuras com objetos, e o pareamento de estímulos não idênticos por categoria e função. Esse repertório é crucial para o aprendizado de conceitos abstratos e para o desenvolvimento de autonomia em tarefas acadêmicas e do cotidiano.

Durante o teste, o avaliador apresenta um estímulo modelo e instrui a criança a colocar o item correspondente junto ao modelo no arranjo visual. As boas práticas exigem a variação constante da posição dos itens no arranjo para evitar que a criança responda com base em dicas posicionais. O aprendizado da discriminação visual prepara o indivíduo para tarefas complexas de leitura e categorização. O erro técnico frequente é manter os mesmos distratores nas mesmas posições durante sucessivas tentativas de testagem.

Aula 3.5: Integração dos Operantes na Rotina diária A utilidade prática do VBMAPP baseia-se na capacidade de integrar a avaliação de todos os operantes verbais para compreender a

funcionalidade global da comunicação do cliente. A criança verdadeiramente proficiente em um conceito deve ser capaz de emití-lo como tato, mand, resposta de ouvinte e intraverbal. A discrepância entre operantes, como nomear um objeto sem conseguir pedi-lo ou identificá-lo como ouvinte, revela desequilíbrios no desenvolvimento do comportamento verbal que precisam ser corrigidos.

O avaliador deve cruzar as pontuações obtidas nos diferentes quadros do protocolo para identificar padrões de força e fraqueza na linguagem da criança. O impacto dessa análise integrada reflete-se na formulação de rotinas terapêuticas equilibradas que promovem a generalização das habilidades aprendidas. Um erro comum na interpretação é considerar o desenvolvimento da linguagem homogêneo, ignorando lacunas em operantes específicos que comprometem a fluência comunicativa total do indivíduo.

#### Módulo 4: A Avaliação de Barreiras no VBMAPP

Aula 4.1: Mapeamento de Comportamentos de Fuga e Esquiva A avaliação de barreiras do VBMAPP identifica os fatores comportamentais que interferem negativamente no processo de aprendizagem e no desenvolvimento social do indivíduo. Entre as barreiras mais impactantes estão os comportamentos de fuga e esquiva, que ocorrem quando a criança emite esquivas vocais, birras ou agressão para se afastar de tarefas educacionais. A mensuração dessa barreira analisa a frequência, a intensidade e o

impacto desses comportamentos frente à apresentação de demandas de diferentes complexidades.

Para quantificar essa barreira com precisão, o profissional deve observar a reação do aluno diante da alteração do nível de exigência das tarefas durante as sessões. O controle adequado dos comportamentos de fuga é fundamental para permitir a exposição continuada às contingências de ensino. O impacto de uma avaliação correta reflete-se no ajuste do ritmo de apresentação de instruções e na revisão das taxas de reforço. O erro mais crítico é punir a resposta de fuga em vez de identificar e modificar os antecedentes e a motivação que mantêm o comportamento inadequado.

**Aula 4.2: Avaliação do Controle de Estímulos Inadequado** O controle de estímulos inadequado ocorre quando a resposta da criança é evocada por pistas irrelevantes do ambiente em vez dos estímulos discriminativos corretos apresentados pelo instrutor. Essa barreira manifesta-se através de respostas impulsivas, dependência de dicas do aplicador ou foco em detalhes periféricos dos materiais de ensino. O VBMAPP avalia o grau em que a hiperseletividade de estímulos ou o controle posicional impedem que a criança adquira discriminações simples e arbitrárias.

A identificação dessa barreira exige que o avaliador teste sistematicamente a resposta do aluno alterando a posição, a cor e a apresentação dos materiais de teste. A correção do controle de estímulos inadequado é indispensável para garantir que o aprendizado seja genuíno e transferível para novos contextos. As

boas práticas incluem a esvanecimento planejado de dicas e o controle rigoroso de variáveis de confusão. O erro comum na prática é considerar que a criança aprendeu um conceito quando ela está apenas respondendo à posição do cartão na mesa.

Aula 4.3: Avaliação do Repertório Restrito de Reforçadores A dependência de uma gama extremamente limitada de itens reforçadores constitui uma barreira significativa para o progresso do ensino e para a motivação da criança. Quando o indivíduo é reforçado apenas por um tipo específico de alimento ou brinquedo, torna-se muito difícil manter o engajamento em tarefas mais longas ou em ambientes grupais. O VBMAPP pontua a diversidade de reforçadores primários, secundários e sociais que influenciam o comportamento da criança no seu dia a dia.

O avaliador deve mapear a frequência com que o valor dos reforçadores atinge a saciedade e a disposição do aluno em trabalhar por elogios sociais, fichas ou atividades diversificadas. O alinhamento dessa barreira é fundamental para planejar procedimentos de pareamento de estímulos visando o desenvolvimento de novos reforçadores condicionados. O erro frequente no manejo dessa barreira é manter os mesmos itens reforçadores por longos períodos, resultando em saciedade rápida e perda do controle instrucional durante as avaliações.

Aula 4.4: Dependência de Dicas e Autoestimulação A dependência de dicas ocorre quando a criança aguarda um gesto, olhar ou ajuda verbal do aplicador para emitir a resposta, mesmo já possuindo a habilidade em seu repertório. Paralelamente, os comportamentos

autoestimulatórios ou estereotipados visuais, motores ou vocais podem competir diretamente com a atenção necessária para aprender novas tarefas. O VBMAPP avalia a frequência com que esses dois fatores impedem o desenvolvimento do comportamento independente.

A mensuração exige a quantificação do tempo gasto em estereotipias e o registro do nível de ajuda necessário para a execução das tarefas. Reduzir a dependência de dicas e minimizar a interferência de autoestimulações em momentos instrucionais é essencial para a autonomia funcional da criança. As boas práticas envolvem o uso de protocolos claros de atraso de dica e o enriquecimento do ambiente com estímulos concorrentes. Um erro recorrente é fornecer dicas não planejadas para acelerar o teste, mascarando a real dependência de ajuda do aluno.

Aula 4.5: Deficits na Generalização e Retenção A incapacidade de generalizar habilidades entre diferentes pessoas, ambientes, materiais e instruções, combinada com a perda rápida de competências aprendidas, representa uma barreira crítica ao desenvolvimento. O VBMAPP pontua o grau em que a criança mantém as habilidades ao longo do tempo e as aplica espontaneamente em novos contextos contextuais. A falha na generalização torna o aprendizado rígido e de pouca utilidade para a vida diária do aluno.

O profissional deve testar intencionalmente as habilidades em cenários variados, alterando o tom de voz, o instrutor e as características físicas dos materiais utilizados na avaliação. O foco

no ensino para a generalização assegura a funcionalidade real das competências adquiridas. O erro frequente é considerar uma habilidade como dominada após a criança responder corretamente apenas a um único aplicador dentro de uma sala de atendimento isolada, sem verificar a retenção e a flexibilidade da resposta.

## Módulo 5: O Teste de Transição do VBMAPP

Aula 5.1: Critérios para Avaliação de Transição O Teste de Transição do VBMAPP é composto por dezoito indicadores projetados para avaliar a prontidão da criança para aprender em um ambiente educacional menos restritivo e mais inclusivo. Ele integra os resultados da avaliação de marcos e da avaliação de barreiras com medidas de autonomia, taxa de aquisição e adaptabilidade. A finalidade desta seção é fornecer dados objetivos para decisões sobre inclusão escolar, alocação em salas de recursos ou transição de atendimento individualizado para formatos de grupo.

A avaliação exige a compilação criteriosa das pontuações obtidas nas etapas anteriores do protocolo, associada à observação direta do comportamento da criança em ambientes de aprendizado coletivo. O impacto do teste de transição reside no planejamento de metas educacionais que visam a verdadeira autonomia do estudante em contextos comunitários. Um erro frequente é utilizar o teste de transição de forma isolada, sem o respaldo dos dados concretos acumulados na avaliação de marcos e de barreiras do protocolo.

Aula 5.2: Autonomia em Tarefas e Aprendizado em Grupo A capacidade de realizar atividades sem supervisão individual contínua e de aprender através de instruções fornecidas para um grupo de alunos são dimensões cruciais do teste de transição. O protocolo mede a quantidade de tempo que a criança consegue se manter engajada em uma tarefa acadêmica ou recreativa de forma independente. Mede também se ela responde adequadamente quando o professor dirige uma ordem coletiva para toda a sala de aula.

A mensuração desses parâmetros deve ocorrer por meio de amostragem temporal em ambientes escolares reais ou simulados durante o processo de avaliação. O desenvolvimento dessas capacidades permite que o aluno acompanhe o ritmo da turma sem demandar a interferência constante de um mediador individual. O erro clássico no contexto terapêutico é assumir que o desempenho excelente em tarefas individuais um para um garante automaticamente que a criança conseguirá aprender dentro de uma estrutura de grupo.

Aula 5.3: Habilidades de Autoajuda e Rotina As habilidades de autoajuda, como vestir-se, alimentar-se, utilizar o banheiro de forma independente e cuidar da higiene pessoal, são fatores fundamentais para a determinação da prontidão do aluno para novos ambientes. O VBMAPP avalia o nível de independência da criança nas rotinas diárias da escola e de casa, investigando se a necessidade de assistência física ou verbal atua como um limitador para a sua inclusão em turmas regulares.

A coleta de informações nesta área combina a observação direta durante momentos de refeição e higiene com relatos estruturados trazidos pelos cuidadores e educadores. A promoção da independência em autoajuda melhora substancialmente a autoimagem e a aceitação social da criança pelos seus pares. As boas práticas recomendam estabelecer programas de encadeamento comportamental para o ensino de rotinas complexas. Um erro frequente é ignorar a avaliação das rotinas de autoajuda por focar exclusivamente no desenvolvimento de competências acadêmicas ou de linguagem.

Aula 5.4: Flexibilidade Comportamental e Mudanças de Rotina A rigidez comportamental e a intolerância a mudanças na rotina diária representam impedimentos significativos para a transição bem-sucedida para ambientes menos estruturados. O VBMAPP quantifica a reação emocional e comportamental do indivíduo quando submetido a alterações inesperadas nos horários, na sequência de atividades, na disposição do mobiliário ou na substituição de professores e colegas de classe.

O avaliador deve introduzir pequenas modificações planejadas durante o período de avaliação para observar o grau de adaptabilidade do aluno e a presença de comportamentos desadaptativos. A capacidade de tolerar a imprevisibilidade é uma das competências funcionais mais importantes para a preservação do bem-estar em ambientes sociais inclusivos. O erro operacional comum é proteger excessivamente a criança de qualquer mudança

no ambiente durante a testagem, impedindo a identificação real da sua flexibilidade comportamental.

**Aula 5.5: Interpretação do Score de Transição** A pontuação final do teste de transição gera uma síntese numérica e visual que orienta a equipe multiprofissional na tomada de decisões estratégicas sobre o futuro educacional do aluno. Pontuações elevadas indicam alta probabilidade de sucesso em salas de aula regulares com suporte mínimo, enquanto pontuações baixas sinalizam a necessidade de manutenção de intervenções intensivas, focadas no ensino de pré-requisitos básicos e na redução de barreiras severas.

O profissional responsável pela interpretação dos dados deve analisar a pontuação de forma holística, correlacionando cada item do teste com o suporte que a escola de destino é capaz de oferecer. O relatório derivado dessa interpretação deve ser claro, objetivo e isento de jargões técnicos excessivos para ser compreendido por pais e educadores. O erro mais sério é tomar decisões de transição escolar baseando-se apenas na intuição subjetiva da equipe, desconsiderando os dados concretos revelados pelo score de transição.

## Módulo 6: Rastreamento de Tarefas e Mapeamento de Habilidades

**Aula 6.1: Utilização do Task Tracking no VBMAPP** O rastreamento de tarefas, conhecido como Task Tracking, funciona como uma ferramenta de detalhamento analítico que complementa a avaliação de marcos do VBMAPP. Enquanto os marcos oferecem uma visão geral dos grandes marcos do desenvolvimento, o rastreamento de

tarefas quebra cada marco em pequenos passos intermediários e micro-habilidades pré-requisitas. Essa abordagem permite mapear exatamente onde a aprendizagem da criança estagnou e quais etapas intermediárias precisam ser ensinadas antes de tentar o marco final.

A aplicação do rastreamento de tarefas exige que o profissional consulte os protocolos estendidos do instrumento para identificar os componentes funcionais de cada operante verbal. Essa discriminação fina é essencial para crianças que apresentam um ritmo de aprendizagem mais lento e não conseguem atingir os marcos globais sem a decomposição de objetivos. O erro frequente na prática é pular o rastreamento de tarefas em crianças com atrasos graves, tentando ensinar marcos complexos de uma só vez, o que gera frustração e comportamentos de esquiva.

#### Aula 6.2: Análise de Tarefas e Decomposição de Comportamentos

A análise de tarefas é o processo de fracionar uma habilidade complexa em uma sequência ordenada de respostas individuais observáveis e mensuráveis. No contexto do VBMAP, esse procedimento é aplicado para desmembrar operantes verbais, comportamentos sociais, habilidades acadêmicas e rotinas de autonomia diária. Cada passo da cadeia comportamental resultante deve ser claramente definido para permitir a mensuração precisa do progresso da criança e a aplicação correta dos procedimentos de ajuda.

O profissional constrói folhas de registro específicas contendo a sequência exata de passos exigidos para a execução da tarefa

mapeada. A decomposição adequada da tarefa garante que o ensino ocorra de forma gradativa e livre de erros desnecessários para o aluno. O impacto técnico reflete-se no aumento da eficiência das sessões de intervenção comportamental. Um erro comum é criar passos muito amplos ou ambíguos na análise de tarefas, o que dificulta a identificação precisa do ponto em que o aluno encontra dificuldade para avançar.

**Aula 6.3: Identificação de Pré-requisitos Comportamentais** A identificação precisa dos pré-requisitos comportamentais é a chave para a construção de um currículo de ensino sequencial e eficiente. Antes de submeter a criança ao ensino de um marco específico do VBMAP, o avaliador precisa determinar se ela já possui as habilidades operacionais subjacentes necessárias para a execução da tarefa. Por exemplo, o ensino de mands complexos por frases exige como pré-requisito a presença de mands por palavras isoladas e um repertório mínimo de imitação vocal ou gesto funcional.

Durante a avaliação, quando a criança falha em um marco do Nível Dois ou Três, o profissional deve recuar sistematicamente no mapeamento para testar a presença dos pré-requisitos no Nível Um. Essa investigação previne a perda de tempo pedagógico em objetivos inalcançáveis no momento presente do aluno. As boas práticas determinam que o plano de ensino foque primeiramente no fechamento dessas lacunas de pré-requisitos. O erro comum é tentar ensinar operantes complexos sem garantir o domínio fluente das habilidades básicas que os sustentam.

Aula 6.4: Registro de Dados e Preenchimento da Grade O registro correto dos dados no VBMAPP culminando no preenchimento visual da grade de marcos e barreiras, que fornece um mapa colorido do perfil de desenvolvimento da criança. Cada marco alcançado deve ser marcado na grade utilizando cores específicas para cada aplicação sucessiva, permitindo a comparação visual imediata do progresso do aluno ao longo do tempo. O preenchimento exige o rigoroso cumprimento dos critérios de pontuação estabelecidos no manual do protocolo, atribuindo zero, meio ou um ponto a cada item.

O profissional deve manter as folhas de registro de dados originais arquivadas junto ao protocolo para auditoria e conferência dos critérios aplicados. A representação visual do gráfico de pizza e da grade de marcos facilita a comunicação dos resultados com pais e equipes multidisciplinares. O impacto de um registro preciso é a garantia de transparência na prestação de serviços de análise de comportamento. Erros recorrentes incluem arredondar pontuações sem justificativa técnica ou rasurar os campos de registro, comprometendo a integridade histórica dos dados.

Aula 6.5: Análise Visual do Gráfico do VBMAPP A análise visual do gráfico resultante do VBMAPP permite a identificação imediata dos padrões de desenvolvimento harmônico ou desarmônico do indivíduo. Um gráfico com níveis equilibrados em todos os operantes sugere um perfil de aprendizagem mais uniforme, enquanto um gráfico denteado, com picos altos em algumas áreas e vales profundos em outras, indica a presença de desequilíbrios

significativos que demandam intervenção direcionada para os operantes deficitários.

O profissional utiliza essa análise gráfica para priorizar as áreas que exigem atenção imediata na elaboração do plano de ensino individualizado. A leitura apurada dos gráficos previne a continuidade de planos de ensino desequilibrados que reforçam ilhas de habilidade enquanto ignoram profundos deficits funcionais. A interpretação correta dos dados visuais orienta o ritmo e a intensidade do programa terapêutico. O erro mais crítico é focar a intervenção apenas nos operantes nos quais a criança apresenta alta pontuação, abandonando as áreas com pontuação baixa por serem mais difíceis de ensinar.

## Módulo 7: Condução da Avaliação na Prática Clínica

Aula 7.1: Organização da Sessão de Avaliação A condução de uma avaliação pelo VBMAPP exige um planejamento estruturado do tempo e das atividades para evitar a fadiga do aluno e maximizar o rendimento da testagem. O profissional deve dividir o protocolo em várias sessões de curta duração, alternando tarefas de alta exigência cognitiva com momentos de brincar livre e atividades de baixo esforço. A sessão deve ser organizada visualmente de forma que o aluno compreenda o início, o meio e o fim do período de atendimento.

No planejamento diário, o aplicador seleciona previamente os marcos específicos que serão testados no dia, deixando o material correspondente ao alcance da mão. A manutenção de uma

estrutura previsível reduz a ansiedade da criança e minimiza a ocorrência de comportamentos disruptivos durante o processo. As boas práticas recomendam ajustar a duração das sessões ao perfil de atenção do cliente. Um erro operacional comum é tentar aplicar o protocolo inteiro em uma única sessão longa, o que invalida os resultados devido ao cansaço e ao desengajamento da criança.

Aula 7.2: Estratégias de Emparelhamento e Vinculação Antes de iniciar a testagem formal do VBMAPP, o profissional deve dedicar tempo suficiente para o estabelecimento do vínculo terapêutico e o emparelhamento da sua figura com estímulos altamente reforçadores. Esse processo, conhecido como rapport ou pairing, visa transformar o aplicador em um sinal de disponibilidade de coisas prazerosas para a criança, minimizando a esquiva e aumentando a cooperação durante a apresentação de demandas futuras.

O profissional interage com a criança de forma lúdica, seguindo a liderança dela no brincar e entregando reforçadores sem exigir nada em troca nas fases iniciais. Somente após a criança demonstrar sinais claros de aproximação espontânea e conforto é que as testagens dos marcos começam a ser gradualmente introduzidas. O impacto de um pairing bem feito reflete-se em avaliações mais fidedignas e com menor ocorrência de birras. O erro frequente é apressar a fase de vinculação e iniciar a testagem direta no primeiro contato com a criança, gerando resistência ao processo avaliativo.

Aula 7.3: Manutenção da Motivação durante o Teste A manutenção da motivação do aluno ao longo de todo o processo de avaliação é

indispensável para garantir que as respostas fornecidas reflitam a sua real capacidade e repertório máximo. Como o VBMAPP exige a testagem de operantes sob o controle de motivações específicas, como o mand, o avaliador precisa manipular continuamente as operações motivacionais através da variação de estímulos, uso de novidades e controle da saciedade do aluno.

O profissional deve alternar tarefas fáceis com tarefas difíceis e utilizar uma alta taxa de reforço positivo contingente à cooperação da criança, independentemente da resposta ser correta ou incorreta durante o teste de desempenho. Essa estratégia mantém o engajamento sem fornecer pistas sobre o acerto das respostas. O erro técnico comum é reforçar a resposta correta apenas durante a avaliação de desempenho, o que pode ensinar a criança durante o teste ou desencadear frustração nas tentativas incorretas não reforçadas.

Aula 7.4: Lidar com Comportamentos Interferentes na Testagem

Durante a aplicação do VBMAPP, é frequente o surgimento de comportamentos interferentes, tais como recusa em sentar, atirar materiais, agressividade ou autoestimulações intensas que interrompem a testagem. O profissional deve estar preparado para responder a essas ocorrências de forma neutra e consistente, mantendo a segurança do ambiente e evitando reforçar acidentalmente a esquiva da tarefa por meio do encerramento precoce da sessão.

A condução prática exige a aplicação de estratégias funcionais de manejo comportamental, como o redirecionamento, a pausa

estratégica neutra ou o retorno provisório a tarefas de menor exigência já dominadas pelo aluno para reconquistar o controle instrucional. O profissional deve registrar a ocorrência desses comportamentos na folha de avaliação de barreiras. O erro operacional grave é ceder aos comportamentos de fuga cancelando as demandas imediatamente sem uma estratégia comportamental, o que fortalece o repertório de esquiva da criança diante de avaliações futuras.

Aula 7.5: Testagem em Ambientes Naturais versus Estruturados A avaliação do VBMAPP requer um equilíbrio cuidadoso entre a testagem em ambientes altamente estruturados, como a mesa de atendimento individual, e a observação em ambientes naturais, como o parque, a brinquedoteca ou a sala de aula. Diferentes marcos e operantes verbais exigem contextos específicos de testagem; mandos e interações sociais, por exemplo, são mais fidedignamente avaliados durante interações lúdicas naturais, enquanto discriminações visuais e habilidades acadêmicas exigem a estrutura da mesa.

O avaliador deve transitar com facilidade entre esses dois cenários ao longo do período de avaliação, sabendo identificar qual formato oferece a condição antecedente adequada exigida pelo manual do protocolo para cada item. As boas práticas envolvem o registro concomitante das observações naturais para otimizar o tempo de mesa. Um erro recorrente é tentar testar todos os operantes do protocolo exclusivamente à mesa de atendimento, resultando em

subestimativa severa das habilidades sociais e de comunicação natural da criança.

## Módulo 8: Elaboração do Plano de Ensino Individualizado

Aula 8.1: Seleção e Priorização de Metas A elaboração do Plano de Ensino Individualizado baseada nos resultados do VBMAPP exige a seleção criteriosa e a priorização de metas comportamentais que sejam funcionalmente relevantes para a vida do aluno. O profissional deve analisar os resultados combinados da avaliação de marcos e de barreiras, priorizando metas que visem o desenvolvimento de operantes básicos faltantes, a redução de barreiras severas e a promoção da autonomia comunicativa no ambiente familiar e escolar.

As metas selecionadas devem seguir uma progressão de desenvolvimento lógica, garantindo que os pré-requisitos para cada habilidade visada já estejam presentes ou sendo ensinados simultaneamente. O impacto de uma seleção de metas precisa é a aceleração do ganho de repertório comunicativo útil para o indivíduo. O erro mais comum na elaboração do documento é tentar abraçar todos os marcos com pontuação zero de uma única vez, criando um currículo sobrecarregado, inviável e desalinhado das prioridades funcionais imediatas da criança.

Aula 8.2: Redação de Objetivos Comportamentais Mensuráveis Os objetivos definidos no Plano de Ensino Individualizado devem ser redigidos em termos comportamentais claros, precisos, observáveis e mensuráveis, eliminando ambiguidades e interpretações

subjetivas. Cada objetivo deve conter a descrição clara da condição antecedente, o comportamento alvo esperado com a sua respectiva topografia, e o critério explícito de aquisição, como porcentagem de acertos, número de ocorrências ou duração do desempenho.

Por exemplo, um objetivo bem formulado especifica que o aluno solicitará dez itens desejados usando frases de duas palavras na presença da motivação e do item visível, em quatro de cinco oportunidades apresentadas durante três dias consecutivos. Essa precisão é fundamental para permitir que qualquer aplicador da equipe execute e mensure a intervenção de forma idêntica. O erro frequente é redigir objetivos vagos como a criança aprenderá a falar melhor ou a criança vai socializar com os colegas, o que impede a mensuração objetiva do progresso.

**Aula 8.3: Estruturação da Intensidade e Carga Horária** A definição da intensidade e da carga horária semanal da intervenção comportamental deve ser respaldada pelos dados obtidos na avaliação do VBMAPP e nas necessidades de aprendizagem demonstradas pelo aluno. Casos que apresentam barreiras comportamentais severas e múltiplos atrasos nos marcos do Nível Um demandam programas de intervenção precoces e intensivos, frequentemente variando entre vinte e quarenta horas semanais de atendimento estruturado e naturalístico.

O profissional deve calcular a distribuição das horas entre atendimentos individuais diretos, intervenções em grupo, suporte escolar e orientação parental para garantir a máxima efetividade do plano de ensino. A definição correta da carga horária previne a sub-

intervenção, que atrasa o ganho de habilidades críticas na infância. Um erro grave é prescrever a carga horária da intervenção baseando-se apenas em conveniências administrativas, financeiras ou na disponibilidade de agenda da clínica, em vez da real necessidade do cliente evidenciada no VBMAPP.

Aula 8.4: Integração de Equipes Multidisciplinares no PEI O Plano de Ensino Individualizado derivado do VBMAPP deve funcionar como um documento unificado que norteia a atuação de toda a equipe multidisciplinar envolvida no atendimento da criança, incluindo analistas do comportamento, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos e educadores. Cada profissional deve contribuir com o alinhamento de metas dentro de sua área de especialidade, garantindo que o ensino de operantes verbais e motores ocorra de forma integrada e coesa.

O coordenador do caso deve promover reuniões periódicas de alinhamento para revisar o progresso, alinhar procedimentos de ajuda e ajustar os objetivos do plano conforme as respostas da criança ao ensino. Essa convergência de abordagens potencializa a generalização de habilidades e previne a apresentação de instruções contraditórias ao aluno. O erro recorrente no trabalho multidisciplinar é a atuação fragmentada, em que cada especialista constrói metas isoladas e divergentes da avaliação global do VBMAPP, gerando sobrecarga e confusão na criança.

Aula 8.5: Cronograma de Reavaliações e Monitoramento O Plano de Ensino Individualizado deve incluir um cronograma claro para o monitoramento contínuo das metas e para a realização de

reavaliações periódicas com o VBMAPP. Recomenda-se que a reavaliação formal completa com o instrumento seja conduzida a cada seis ou doze meses, permitindo mensurar visualmente o ganho de marcos, a redução de barreiras e a evolução das pontuações de transição no gráfico da criança ao longo do tempo.

Entre as reavaliações formais do protocolo, a equipe deve realizar análises semanais ou mensais dos gráficos de registro de dados contínuos de cada meta instrucional para decidir sobre a manutenção, alteração ou avanço de fases do ensino. O monitoramento constante garante a agilidade necessária para corrigir rotas terapêuticas ineficazes sem perda de tempo. O erro prático comum é aguardar um ano inteiro para analisar os dados e descobrir que a criança permaneceu estagnada em determinada habilidade por falha na condução do ensino.

## Módulo 9: Análise da Comunicação Funcional e Sinalização

Aula 9.1: Comunicação Alternativa e Aumentativa no VBMAPP Para crianças não vocais ou com emissão vocal severamente comprometida, a avaliação do VBMAPP orienta a tomada de decisão sobre a introdução de sistemas de Comunicação Alternativa e Aumentativa. A análise dos operantes de ecoico, imitação motora e discriminação visual fornece indicadores claros sobre qual modalidade comunicativa é a mais indicada para o indivíduo, seja o uso de sinalização gestual, troca de figuras como o PECS, ou o uso de dispositivos geradores de fala em tablets.

O profissional deve avaliar se a criança possui o repertório motor fino e visual necessário para manipular cartões de comunicação ou executar sinais de forma precisa. A seleção correta do sistema de comunicação alternativa reduz imediatamente comportamentos disruptivos mantidos pela frustração comunicativa e acelera o desenvolvimento de mandos funcionais. As boas práticas exigem que a escolha da modalidade seja testada empiricamente. O erro recorrente é adiar a introdução da comunicação alternativa por medo infundado de que ela iniba o desenvolvimento da fala espontânea da criança.

Aula 9.2: Seleção de Modalidade Comunicativa A escolha entre topografia de resposta como a fala ou a linguagem de sinais e seleção de estímulos como o uso de figuras ou tablets deve ser cuidadosamente fundamentada nos dados coletados no VBMAPP. Crianças que apresentam alta capacidade de imitação motora mas baixo ecoico vocal podem se beneficiar inicialmente da linguagem de sinais. Já crianças com forte repertório de discriminação visual e pareamento tendem a avançar mais rapidamente em sistemas baseados em troca de figuras ou comunicação por telas sensíveis ao toque.

O avaliador deve conduzir testes comparativos curtos de taxa de aquisição entre as modalidades para verificar empiricamente qual delas resulta em aprendizagem mais rápida e com menor taxa de erros para o aluno. A escolha da modalidade ideal impacta diretamente a fluência e a velocidade de autonomização da comunicação. O erro mais comum na seleção é impor uma

modalidade comunicativa baseando-se no conforto da equipe ou da família, ignorando a facilidade comportamental demonstrada pela criança durante a avaliação do VBMAPP.

Aula 9.3: Treino de Mands com Comunicação Alternativa A implementação do treino de mands utilizando sistemas de Comunicação Alternativa e Aumentativa segue uma sequência rigorosa baseada nos princípios do VBMAPP. O ensino inicia-se pela seleção do item altamente desejado presente no ambiente, motivando a criança a entregar a figura correspondente ou acionar o ícone no tablet para obter o reforçador imediato. O objetivo inicial é estabelecer o controle da operação motivacional sobre a resposta física de entrega ou toque do símbolo comunicativo.

A progressão do ensino avança para a expansão do vocabulário de mands, discriminação entre múltiplos ícones na prancha de comunicação e a eliminação gradual de dicas físicas fornecidas pelo aplicador. O sucesso dessa intervenção garante que o indivíduo exercite a sua autonomia comunicativa funcional sem depender da fala articulada inicial. O erro técnico frequente durante este treino é manter a prancha de comunicação fora do alcance da criança, exigindo que ela peça permissão para se comunicar, o que viola o princípio básico da espontaneidade do mand.

Aula 9.4: Transição da Comunicação Alternativa para a Fala A transição do uso de sistemas de Comunicação Alternativa para a emissão vocal é um processo contínuo que deve ser monitorado atentamente pelas pontuações do operante ecoico no VBMAPP. Quando a criança começa a emitir vocalizações consistentes e com

correspondência ponto a ponto durante as trocas de figuras ou sinais, a equipe deve introduzir procedimentos de atraso de dica vocal para encorajar a emissão da palavra falada antecedendo a resposta gestual ou pictórica.

O acompanhamento conjunto entre o analista do comportamento e o fonoaudiólogo garante que o aumento da exigência vocal não cause a extinção do comportamento comunicativo já estabelecido via sistema alternativo. A transição deve ser feita de forma gradual e sem sobressaltos, mantendo a garantia do acesso ao reforço. Um erro crítico é remover abruptamente a prancha de comunicação alternativa assim que a criança emite os primeiros sons vocais isolados, deixando-a desprovida de uma ferramenta comunicativa fluente antes da fala estar plenamente consolidada.

Aula 9.5: Avaliação do Repertório de Ouvinte por Seleção A avaliação do repertório de ouvinte em indivíduos que utilizam Comunicação Alternativa e Aumentativa exige a adaptação rigorosa dos procedimentos de testagem visual do VBMAPP. O indivíduo deve demonstrar a capacidade de selecionar itens reais ou representações pictóricas em um arranjo variado ao ouvir o nome correspondente emitido pelo testador. Essa habilidade reflete o entendimento receptivo da linguagem falada pelo ambiente, sendo pré-requisito para o processamento de instruções complexas.

O profissional deve variar o tamanho do arranjo de opções e a similaridade física dos distratores apresentados na mesa para verificar o limite da capacidade de discriminação auditivo-visual do aluno. O desenvolvimento apurado desse repertório viabiliza a

participação da criança em rotinas educacionais e sociais sem a necessidade de demonstrações motoras contínuas. O erro prático comum é confundir a falta de resposta motora de fala com incapacidade de compreensão auditiva, subestimando o repertório receptivo do usuário de comunicação alternativa.

## Módulo 10: Estratégias de Ensino Baseadas no VBMAPP

Aula 10.1: Ensino por Tentativas Discretas no VBMAPP O Ensino por Tentativas Discretas é uma metodologia estruturada amplamente utilizada para ensinar operantes e marcos mapeados como deficitários no VBMAPP. A técnica divide a instrução em unidades claras e repetíveis compostas por: apresentação do estímulo discriminativo antecedente, emissão do comportamento resposta pela criança, e apresentação da consequência reforçadora imediata, seguida por um breve intervalo entre tentativas. Essa estrutura possibilita um alto controle de variáveis e maximiza as oportunidades de resposta correta.

A aplicação prática do treino por tentativas discretas exige a escolha criteriosa de hierarquias de dicas e planos consistentes de desvanecimento para prevenir o erro e a dependência de ajuda. A técnica é indispensável para a aquisição inicial de discriminações complexas de ouvinte, tatos básicos e habilidades pré-acadêmicas do Nível Três. O erro operacional mais frequente é a aplicação mecânica e artificial do procedimento, tornando as sessões exaustivas e desmotivantes para a criança, o que eleva barreiras comportamentais de fuga.

Aula 10.2: Ensino em Ambiente Natural e VBMAPP O Ensino em Ambiente Natural aproveita os interesses momentâneos e os estados motivacionais presentes da criança para ensinar os marcos do VBMAPP dentro do contexto lúdico e da rotina diária. Diferente do ensino à mesa, esta abordagem ocorre no ambiente em que os comportamentos ocorrem naturalmente, utilizando brinquedos, atividades e interações do próprio interesse da criança para introduzir alvos de mand, tato e intraverbal sem a rigidez da estrutura formal.

O profissional deve ter o domínio total dos alvos de ensino contidos no plano individualizado para capturar e criar oportunidades de aprendizagem enquanto brinca com o aluno. Essa modalidade maximiza a generalização e a espontaneidade dos operantes verbais adquiridos. O erro técnico recorrente é transformar o ensino natural em um momento de brincar livre sem qualquer intencionalidade pedagógica ou controle de dados, resultando na ausência de progresso mensurável nas metas do VBMAPP.

Aula 10.3: Procedimentos de Transferência de Controle de Estímulos Os procedimentos de transferência de controle de estímulos são fundamentais para ensinar novos operantes verbais no VBMAPP utilizando habilidades já dominadas pelo aluno. Um exemplo clássico é a transferência do controle de ecoico para o tato, em que a criança repete a palavra dita pelo aplicador diante de uma figura e, gradativamente, o modelo vocal é removido até que apenas a figura evoque a nomeação independente.

A condução correta desse procedimento exige o manejo preciso do tempo de atraso de dica e a redução gradual da intensidade do estímulo facilitador. Essa técnica acelera drasticamente a aquisição de novos operantes, permitindo que o aluno utilize repertórios existentes como ponte para novas aprendizagens. O erro comum é falhar na remoção da dica no momento oportuno, mantendo o controle da resposta vinculado ao estímulo antigo e impedindo a autonomia do novo operante verbal visado.

Aula 10.4: Procedimentos de Correção de Erro A aplicação rigorosa de procedimentos estandardizados de correção de erro é essencial para evitar o fortalecimento de cadeias de respostas incorretas durante o ensino de metas do VBMAPP. Quando a criança emite uma resposta errada ou não responde dentro do tempo limite, o aplicador deve intervir imediatamente aplicando um procedimento neutro de correção, que geralmente envolve a re-apresentação da instrução antecedente acompanhada da dica necessária para garantir a resposta correta sem reforçamento.

O profissional deve manter uma postura neutra durante a correção, sem emitir frases negativas como não ou assim está errado, que podem atuar como punição ou distração desnecessária. A condução adequada da correção estabiliza a aprendizagem e previne o acúmulo de frustração no aluno. O erro mais frequente observável é a repetição excessiva da instrução verbal sem o fornecimento da dica corretiva, levando a criança a adivinhar as respostas e consolidando o padrão de erro recorrente.

**Aula 10.5: Manejo de Dicas e Esvanecimento** O manejo estratégico do fornecimento e do esvanecimento de dicas é a chave para transformar respostas auxiliadas em comportamentos plenamente independentes no VBMAPP. As dicas podem ser físicas, gestuais, visuais, posicionais ou verbais, e devem ser organizadas em hierarquias do máximo para o mínimo ou do mínimo para o máximo, dependendo do perfil de aprendizagem do aluno e da tarefa específica sendo ensinada.

O esvanecimento sistemático deve ser planejado antes mesmo do início do ensino, garantindo que o nível de ajuda oferecido seja reduzido gradualmente à medida que o aluno demonstra domínio relativo na tarefa. Esse controle previne a barreira comportamental de dependência de dicas apontada no instrumento. O erro prático crítico é manter a dica por tempo prolongado por medo do aluno errar, criando uma dependência artificial que paralisa o avanço nos marcos do desenvolvimento do protocolo.

## **Módulo 11: Avaliação e Intervenção no Desenvolvimento Social**

**Aula 11.1: Avaliação do Engajamento Social e Atenção Compartilhada** A atenção compartilhada e o engajamento social são pré-requisitos fundamentais para o desenvolvimento da comunicação humana e para o aprendizado social abrangido pelo VBMAPP. A avaliação detalhada desses aspectos verifica se a criança consegue seguir o olhar do outro, alternar o olhar entre um objeto atraente e o parceiro social, e convidar espontaneamente outra pessoa para compartilhar o interesse por um evento do ambiente sem a exigência de pedir o objeto.

O profissional avalia esses comportamentos criando momentos de novidade e surpresa no ambiente e observando a reação espontânea de busca de contato visual e social por parte do aluno. O desenvolvimento pleno da atenção compartilhada é a base sobre a qual se constroem os operantes verbais mais complexos e as trocas sociais recíprocas. O erro frequente durante a avaliação é considerar o contato visual isolado e forçado durante solicitações como se fosse atenção compartilhada genuína e fluida.

Aula 11.2: Treino de Brincar Cooperativo e Compartilhamento O ensino do brincar cooperativo e da habilidade de compartilhar brinquedos é mapeado no Nível Dois e Nível Três da avaliação de marcos e habilidades sociais do VBMAPP. O desenvolvimento desse repertório envolve ensinar a criança a esperar a sua vez em jogos simples, aceitar trocar de brinquedos com pares e colaborar na construção de cenários e estruturas lúdicas compartilhadas sem a ocorrência de comportamentos de esquiva ou agressão.

A condução prática do treino exige a presença de pares com desenvolvimento típico ou com repertórios sociais mais avançados, atuando sob a mediação constante do profissional que reforça contingentemente as interações positivas. O aprendizado do brincar cooperativo reduz a exclusão social do aluno em ambientes de recreação escolar. O erro prático comum é forçar o compartilhamento de materiais de alto valor reforçador sem o suporte de dicas visuais ou esquemas de alternância previsíveis, deflagrando comportamentos disruptivos de esquiva.

Aula 11.3: Desenvolvimento de Mand para Pares A emissão de mands direcionados a pares é uma das habilidades sociais mais difíceis de emergir naturalmente em crianças com Transtorno do Espectro Autista. O VBMAPP avalia se a criança consegue utilizar operantes verbais para solicitar brinquedos, ajuda, atenção ou participação em jogos diretamente a outras crianças, em vez de recorrer sempre ao adulto como intermediário das suas necessidades e desejos.

O profissional estrutura o ambiente de modo que as peças necessárias para completar a atividade divertida do aluno estejam sob a posse de um par, criando a motivação necessária para a emissão do mand direcionado ao colega. O ensino dessa habilidade impulsiona a construção de amizades e a autonomia na navegação do ambiente social. Um erro clássico é o aplicador aceitar que a criança peça a ele o objeto que está na mão do par, em vez de redirecionar e dar a dica para que o pedido seja feito diretamente ao colega.

Aula 11.4: Mediação de Conflitos e Regras Sociais À medida que o aluno avança para o Nível Três do VBMAPP, a avaliação do repertório social exige o monitoramento da capacidade de compreender e seguir regras sociais complexas e lidar adequadamente com conflitos interpessoais menores. Isso inclui aceitar perder em jogos, seguir instruções de regras de brincadeiras em grupo, responder a críticas ou frustrações sem agressividade e utilizar estratégias verbais para negociar soluções com os pares.

O ensino dessas competências avançadas utiliza histórias sociais, ensaios comportamentais e suporte instrucional durante interações reais estruturadas na rotina escolar ou clínica. A consolidação dessas habilidades promove a inclusão real e sustentável em longo prazo no grupo de pares. O erro comum é evitar situações de pequeno conflito durante o treino social, impedindo que o aluno aprenda a aplicar estratégias funcionais de negociação e regulação emocional sob mediação do profissional.

Aula 11.5: Avaliação da Empatia e Percepção Social A percepção dos estados emocionais alheios e a demonstração de respostas empáticas são investigadas nos itens mais avançados do VBMAPP relacionados a habilidades sociais e intraverbais contextuais. A avaliação identifica se a criança percebe quando um parceiro social está triste, machucado ou frustrado, e se emite respostas verbais ou motoras adequadas para confortar o outro ou oferecer ajuda compatível com a situação.

O avaliador utiliza simulações lúdicas e observações no ambiente natural para analisar as reações emocionais e comportamentais da criança diante do comportamento expressivo dos pares e adultos. O desenvolvimento do repertório empático aprofunda a qualidade das conexões afetivas e sociais da criança. O erro frequente é tentar ensinar empatia apenas através da memorização de nomes de emoções em cartões de expressões faciais, ignorando a necessidade de treino contingente às reações emocionais reais nos contextos sociais vivenciados.

Módulo 12: Adaptação e Inclusão Escolar pelo VBMAPP

Aula 12.1: Tradução dos Resultados do VBMAPP para o Contexto Escolar A transposição dos dados obtidos no VBMAPP para a realidade da sala de aula é um passo decisivo para garantir uma inclusão escolar efetiva e alinhada às reais necessidades do aluno. O relatório técnico gerado pela avaliação deve ser traduzido em um Plano de Desenvolvimento Individual pedagógico, convertendo a terminologia analítico-comportamental dos operantes verbais em objetivos educacionais compreensíveis para a equipe de professores e orientadores da escola.

O profissional responsável deve realizar reuniões de alinhamento com a equipe pedagógica para apresentar os pontos fortes, as lacunas de desenvolvimento e as barreiras que interferem no aprendizado escolar da criança. Essa ponte entre a clínica e a escola garante a continuidade das estratégias de suporte. O erro comum é entregar aos professores o protocolo VBMAPP bruto preenchido com termos estritamente técnicos, sem fornecer uma diretriz pedagógica prática de como manipular esses dados no cotidiano da sala de aula.

Aula 12.2: Acompanhamento e Suporte ao Mediador Escolar O mediador escolar ou auxiliar de inclusão desempenha um papel central na implementação prática do plano de ensino derivado do VBMAPP dentro do ambiente educacional. O analista do comportamento deve capacitar esse profissional para utilizar os procedimentos adequados de fornecimento e esvanecimento de dicas, manejo de comportamentos-problema e promoção da independência funcional do aluno perante a turma regular.

O suporte ao mediador exige supervisões presenciais periódicas na escola e a criação de folhas de registro simplificadas para o acompanhamento do desempenho do aluno durante as aulas. A atuação eficiente do acompanhante acelera a autonomia da criança. O erro recorrente é o mediador assumir uma postura hiperprotetora, fazendo as atividades pelo aluno ou fornecendo dicas excessivas contínuas, o que aprofunda a barreira de dependência de dicas identificada no protocolo.

Aula 12.3: Adaptação de Materiais e Atividades Curriculares As pontuações obtidas no Nível Dois e Nível Três do VBMAPP fornecem os parâmetros exatos para a adaptação visual, conceitual e motora das atividades curriculares oferecidas na escola. Se a avaliação indica que o aluno possui fragilidades no operante de ouvinte por função, característica e classe, as tarefas escolares escritas ou faladas devem ser simplificadas e acompanhadas de suportes visuais diretos para permitir a compreensão e a execução autônoma.

O profissional de apoio e o professor regente estruturam os exercícios acadêmicos mantendo o objetivo pedagógico central da turma, mas ajustando a quantidade de itens, o nível de abstração das perguntas e o formato das respostas exigidas da criança. A adaptação correta garante o acesso real ao currículo e evita a frustração. O erro comum é apresentar a mesma atividade sem qualquer modificação para uma criança com graves deficits de linguagem, ou simplesmente dar folhas para colorir enquanto a turma realiza a tarefa acadêmica.

**Aula 12.4: Promoção da Autonomia nas Rotinas Escolares** A autonomia nas rotinas diárias da escola, tais como guardar o material na mochila, organizar a mesa de trabalho, caminhar em fila, ir ao banheiro e lanchar de forma independente, deve ser ativamente programada com base nos marcos do VBMAPP. A escola oferece o cenário ideal para o treino intensivo de cadeias comportamentais e habilidades de autoajuda que sustentam a inclusão social e funcional do estudante.

A equipe deve estruturar pistas visuais na sala de aula, como quadros de rotina com rotinas fotográficas, e aplicar técnicas de encadeamento para trás ou para frente para ensinar cada etapa das rotinas escolares. Essa estrutura previsível eleva a confiança e o rendimento geral da criança. O erro frequente é a equipe escolar assumir a execução das rotinas diárias pela criança para economizar tempo na dinâmica da turma, privando o aluno da oportunidade de desenvolver independências indispensáveis.

**Aula 12.5: Avaliação do Progresso Escolar Integrado** A mensuração do progresso escolar do aluno deve ser realizada de forma integrada, cruzando os dados das reavaliações do VBMAPP com as avaliações do rendimento pedagógico contínuo da escola. Essa análise combinada permite verificar se os ganhos no repertório comportamental e comunicativo obtidos no atendimento clínico estão se traduzindo em melhoria do desempenho acadêmico e na participação ativa nas atividades de classe.

O profissional da clínica e o coordenador pedagógico devem alinhar periodicamente os dados de ambos os ambientes, ajustando as

metas do PEI escolar sempre que houver divergência nas taxas de avanço do aluno. A integração contínua maximiza os resultados da intervenção e garante a coerência nas abordagens adotadas. O erro recorrente é manter avaliações paralelas e desconectadas, em que a clínica e a escola medem evoluções por critérios completamente antagônicos e incompatíveis.

### Módulo 13: Orientação Parental e Aplicação no Ambiente Doméstico

Aula 13.1: Treinamento de Pais Baseado nos Dados do VBMAPP A inclusão dos pais e cuidadores primários no processo de intervenção é um fator determinante para a eficácia e a sustentabilidade dos ganhos obtidos com a aplicação do VBMAPP. O treinamento parental deve ser desenhado a partir dos dados do protocolo da criança, ensinando a família a identificar oportunidades diárias para evocar e reforçar operantes verbais críticos como mandos e tatos no ambiente doméstico.

O profissional realiza sessões práticas de orientação de pais, utilizando modelagem, ensaio comportamental e feedback em tempo real para capacitar os cuidadores nas técnicas de instrução naturalística e no manejo de contingências de reforço. O engajamento familiar expande exponencialmente a carga horária de treino efetivo do aluno. O erro mais crítico é fornecer orientações teóricas genéricas aos pais por meio de palestras, sem treinar presencialmente e de forma prática as respostas específicas contidas nos marcos do VBMAPP do seu filho.

Aula 13.2: Manejo de Contingências no Ambiente Doméstico A identificação de barreiras comportamentais no VBMAPP exige a reestruturação das contingências de reforço que operam dentro da casa da criança. Pais frequentemente reforçam involuntariamente comportamentos de fuga, birras ou mandos inadequados ao cederem a exigências do filho após a emissão de choros ou agressões, estabilizando esses padrões interferentes no repertório do indivíduo.

O analista do comportamento deve orientar a família na implementação de ambientes previsíveis, no uso de reforço diferencial de comportamentos alternativos e na aplicação consistente de procedimentos de extinção de comportamentos inadequados previamente mapeados. O alinhamento das contingências domésticas reduz drasticamente a discrepância de desempenho entre a clínica e a casa. O erro operacional comum é a família alterar o manejo por alguns dias e desistir da intervenção assim que ocorre o pico de extinção do comportamento.

Aula 13.3: Fortalecimento do Mand e Comunicação na Família O ambiente doméstico representa o cenário mais poderoso para a expansão e fortalecimento do operante mand, pois é na rotina familiar que emergem as necessidades e desejos genuínos da criança por alimentos, brinquedos, atenção e conforto. A orientação parental foca em ensinar os pais a evitarem a antecipação constante de todas as necessidades da criança, criando breves momentos de privação controlada que sirvam de gatilho para a comunicação verbal ou alternativa.

Os pais aprendem a aguardar a emissão do mand independente ou a fornecer a dica apropriada antes de entregar o item desejado pelo filho no cotidiano. Essa prática transforma a rotina doméstica em um ambiente rico em oportunidades diárias de comunicação funcional. O erro clássico das famílias é adivinhar e entregar tudo o que a criança deseja sem exigir qualquer tipo de emissão de resposta comunicativa verbal ou por gestos adaptados, paralisando a evolução do mand.

Aula 13.4: Generalização Doméstica de Habilidades do VBMAPP A generalização das habilidades aprendidas nas sessões clínicas estruturadas para o contexto da vida familiar é uma meta obrigatória que deve ser planejada desde a seleção dos alvos no VBMAPP. O profissional deve prescrever tarefas para casa simples e diretas, orientando a família a testar a nomeação de objetos reais da casa, o cumprimento de instruções funcionais e o pareamento de itens do cotidiano durante tarefas rotineiras como arrumar a mesa ou guardar roupas.

O acompanhamento dos dados da generalização doméstica é realizado por meio de registros diários simplificados preenchidos pelos pais e analisados durante as supervisões. O sucesso dessa etapa garante que o aprendizado do aluno seja duradouro e verdadeiramente útil para a dinâmica da sua vida familiar. O erro prático recorrente é assumir que a criança aplicará espontaneamente em casa tudo o que aprendeu na clínica sem que os pais tenham recebido treino formal para incentivar e reforçar o comportamento no lar.

Aula 13.5: Rotinas de Autoajuda e Autonomia no Lar As barreiras e marcos relacionados à autonomia no VBMAPP servem como guia para o estabelecimento de programas de treino de autoajuda conduzidos diretamente pelos pais no ambiente familiar. Atividades diárias como escovar os dentes, tomar banho, despir-se, usar o vaso sanitário e alimentar-se com talheres devem ser estruturadas através de análises de tarefas visuais afixadas nos locais onde as ações ocorrem na casa.

O profissional orienta os pais na aplicação correta do encadeamento comportamental e no esvanecimento gradativo da ajuda física necessária para a conclusão de cada etapa da rotina diária. A conquista da independência nessas tarefas eleva a qualidade de vida de toda a estrutura familiar e reforça a autoconfiança do indivíduo. O erro comum dos cuidadores é executar as tarefas de higiene e vestuário pela criança pela facilidade e ganho de tempo no dia a dia, perpetuando a dependência funcional do filho.

#### Módulo 14: Análise Avançada de Operantes Complexos

Aula 14.1: O Desenho de Programas Avançados de Intraverbal O ensino de intraverbais avançados no Nível Três do VBMAPP envolve o desenvolvimento de respostas complexas que requerem o controle concomitante de múltiplos estímulos antecedentes verbais. As tarefas incluem responder a perguntas envolvendo categorizações cruzadas, raciocínio lógico, relacionamentos de causa e efeito, inversões condicionais e a descrição de eventos

passados ou futuros não presentes no ambiente imediato da criança.

O profissional deve elaborar programas detalhados de treino por meio de matrizes de estímulos que previnam o memorismo mecânico e forcem a discriminação atenta de cada componente gramatical da pergunta apresentada. O domínio do intraverbal avançado expande substancialmente a capacidade conversacional do aluno. O erro mais frequente observável é o ensino de respostas intraverbais decoradas como scripts engessados, em que a criança responde corretamente à pergunta exata do treino, mas falha totalmente se a ordem das palavras na instrução for sutilmente alterada.

Aula 14.2: Categorização por Função, Característica e Classe A habilidade de categorizar objetos e conceitos com base na sua função, nas suas características visuais ou físicas e na sua classe gramatical ou conceitual é uma das competências mais críticas testadas no VBMAPP para o desenvolvimento do pensamento abstrato. O treino integra os operantes de ouvinte e tato, exigindo que a criança selecione ou nomeie itens agrupados por critérios que vão além das suas aparências físicas imediatas.

O profissional deve utilizar um acervo variado de imagens e objetos tridimensionais, ensinando o aluno a flexibilizar a categorização do mesmo item sob diferentes ângulos de análise, como identificar que um morango é uma fruta, é vermelho, tem sementes e serve para comer. Essa flexibilidade conceitual é a base do raciocínio acadêmico complexo. O erro comum na condução é utilizar sempre

as mesmas figuras para representar cada categoria, gerando uma associação rígida que impede o aprendizado do conceito genérico da classe.

**Aula 14.3: Raciocínio Relacional e Inferências** A transição do comportamento verbal simples para o raciocínio relacional complexo exige a emergência de operantes que permitam ao aluno realizar inferências lógicas sem a necessidade de ensino direto para todas as combinações possíveis de estímulos. O VBMAPP aborda essa dimensão no Nível Três ao testar a resolução de problemas verbais, a compreensão de piadas, metáforas simples e a dedução de informações implícitas contidas em narrativas curtas.

O analista do comportamento projeta treinos contendo pistas contextuais graduadas, incentivando a criança a conectar conhecimentos armazenados no seu repertório intraverbal para deduzir conclusões lógicas não declaradas explicitamente. Esse avanço representa o ápice do desenvolvimento cognitivo e linguístico do programa. O erro técnico é assumir que o aluno desenvolverá raciocínio relacional abstrato sem antes possuir uma rede sólida e perfeitamente fluente de tatos e intraverbais básicos bem consolidados.

**Aula 14.4: Autoclíticos e Refinamento Gramatical** O autoclítico é um operante verbal avançado definido por Skinner que modifica a função e o impacto do operante verbal primário sobre o ouvinte, fornecendo informações adicionais sobre a intensidade, a incerteza, a negação ou a estrutura gramatical da mensagem emitida. No VBMAPP, a avaliação do uso de autoclíticos analisa se o aluno

utiliza expressões como eu acho que, eu tenho certeza, não é, ou modificadores adjetivais para refinar a sua comunicação.

O ensino de autoclíticos exige contingências refinadas de modelagem, instruindo o aluno a expressar as suas diferentes gradações de certeza ou sentimentos sobre as suas próprias afirmações durante o diálogo natural. A incorporação dessa habilidade resulta em uma linguagem natural, sofisticada e altamente funcional do ponto de vista social. O erro mais comum é ignorar a ausência de autoclíticos na fala de crianças que já formulam frases longas, resultando em uma comunicação ríspida, mecânica e descontextualizada.

Aula 14.5: Leitura de Pistas Não Verbais e Tom de Voz O aprimoramento da comunicação interpessoal no Nível Três do VBMAPP envolve a capacidade do aluno de discriminar e reajustar o seu próprio comportamento verbal a partir da leitura de pistas não verbais e variações no tom de voz emitidos pelo interlocutor. A criança deve aprender a identificar se o ouvinte está interessado, entediado, confuso ou irritado, modificando o tópico da conversa ou encerrando o diálogo de acordo com essa sinalização social.

O treinamento utiliza gravação e análise de vídeos, ensaios comportamentais e dramatizações terapêuticas com mediação e feedback imediato fornecido pelo aplicador durante as interações sociais simuladas. A sensibilidade a essas variações sutis do ambiente social previne gafes e melhora o rapport interpessoal do indivíduo. O erro frequente é focar o ensino apenas no conteúdo falado do aluno, ignorando a sua incapacidade total de perceber os

sinais de desinteresse ou desconforto emitidos pelo ouvinte ao longo da interação.

## Módulo 15: Mensuração de Dados e Garantia de Qualidade

**Aula 15.1: Métodos de Registro Contínuo e Descontínuo** A garantia da qualidade técnica na aplicação da Análise do Comportamento Aplicada ancorada pelo VBMAPP depende da escolha e aplicação rigorosa de métodos adequados de registro de dados durante as sessões de intervenção. Os métodos contínuos, como a contagem de frequência e o registro de duração ou latência, capturam todas as ocorrências do comportamento alvo, sendo ideais para mensurar a emissão de mandos e comportamentos disruptivos.

Já os métodos descontínuos, como a amostragem temporal e a inserção por intervalos, medem a presença ou ausência do comportamento em blocos de tempo específicos, sendo indicados para rastrear atenção sustentada, engajamento em grupo ou emissão de estereotipias. A seleção do método correto garante dados fidedignos para a tomada de decisões clínicas pela equipe. O erro comum é utilizar formulários de registro genéricos e inadequados para a natureza do comportamento que se deseja mensurar, distorcendo os gráficos de progresso do aluno.

**Aula 15.2: Fidedignidade Interobservadores no VBMAPP** A fidedignidade interobservadores é o procedimento metodológico utilizado para verificar a precisão, a objetividade e a consistência da coleta de dados do VBMAPP entre dois ou mais avaliadores independentes. O processo envolve a observação concomitante e

sem comunicação da mesma sessão de testagem por dois profissionais distintos, seguida pelo cálculo da porcentagem de concordância entre os registros efetuados por ambos.

A obtenção de altos índices de concordância interobservadores, idealmente acima de oitenta e cinco por cento, assegura que a avaliação reflete o desempenho real do cliente e não um viés individual ou erro de interpretação do testador. A prática continuada do cálculo de concordância eleva o rigor ético e técnico do serviço prestado. O erro grave é dispensar o teste de fidedignidade na rotina clínica, permitindo que falhas e interpretações subjetivas de avaliadores individuais comprometam a validade de todo o protocolo aplicado.

Aula 15.3: Análise de Gráficos de Aquisição e Decisão Clínica A tomada de decisão sobre manter, alterar ou encerrar um procedimento de ensino derivado do VBMAPP deve ser pautada exclusivamente na análise visual sistemática dos gráficos de progresso atualizados constantemente pela equipe. O analista do comportamento avalia a tendência, o nível e a variabilidade dos dados ao longo do tempo para determinar se a taxa de aquisição da habilidade está dentro do ritmo esperado para o aluno.

Se um gráfico de aquisição apresenta tendência horizontal prolongada sem avanço por mais de três a cinco sessões consecutivas, o profissional deve intervir imediatamente alterando o procedimento, ajustando a hierarquia de dicas ou modificando o valor dos reforçadores utilizados na tarefa. A agilidade baseada em dados previne a consolidação de falhas de ensino. O erro mais

crítico e comum é manter o mesmo procedimento de ensino por semanas ou meses mesmo com o gráfico mostrando estagnação total na aprendizagem do aluno.

**Aula 15.4: Gestão do Erro e Viés de Avaliação** O viés de avaliação ocorre quando o profissional que aplica o VBMAPP permite que as suas expectativas pessoais, simpatia ou frustração em relação ao aluno afetem a atribuição objetiva de pontuações nos marcos e barreiras do protocolo. O erro por viés pode resultar tanto em uma superestimativa das habilidades da criança por benevolência do testador, quanto em uma subestimativa severa provocada pela falta de paciência ou manejo inadequado de contingências.

Para eliminar esse fator, o profissional deve seguir estritamente as definições operacionais contidas no manual de pontuação do VBMAPP, sem conceder meio ponto ou um ponto por respostas aproximadas que não satisfaçam os critérios técnicos explicitados no guia do teste. O rigor metodológico preserva a validade do diagnóstico comportamental. O erro recorrente é pontuar um marco como atingido alegando que a criança faz o comportamento em casa com a mãe, mesmo sem ter demonstrado a habilidade sob os critérios de testagem exigidos durante o protocolo.

**Aula 15.5: Relatórios Clínicos e Ética Profissional** A elaboração de relatórios clínicos fundamentados no VBMAPP deve atender a padrões rigorosos de qualidade técnica, clareza, transparência e responsabilidade ética e legal. O documento deve apresentar de forma estruturada a metodologia utilizada, os gráficos coloridos do protocolo, a interpretação descritiva dos resultados por operante

verbal e as recomendações terapêuticas e pedagógicas necessárias para o caso do indivíduo.

O profissional deve garantir o sigilo das informações do cliente, obtendo as devidas autorizações para compartilhamento de dados com a escola ou equipe multiprofissional, e mantendo a guarda segura de todos os prontuários e registros do processo avaliativo. A conduta ética irrestrita protege os direitos da criança e da família e valoriza a prática analítico-comportamental. O erro ético comum é a utilização de relatórios copiados ou padronizados que não refletem com precisão as especificidades individuais identificadas na avaliação do VBMAPP daquele cliente específico.

#### Módulo 16: Formação Continuada e Prática Supervisionada

Aula 16.1: Atualização em Análise do Comportamento Aplicada A aplicação com excelência do protocolo VBMAPP exige do profissional uma busca constante por atualização científica dentro da Análise do Comportamento Aplicada e da Ciência do Comportamento Verbal. A literatura acadêmica publica continuamente novos estudos sobre a eficiência de procedimentos de ensino, transferência de controle de estímulos e emergência de relações condicionais que aprimoram e complementam a prática clínica diária com a ferramenta.

O profissional deve manter uma rotina sistemática de leitura de periódicos científicos especializados, participação em congressos da área e cursos de aprofundamento promovidos por instituições e pesquisadores reconhecidos na comunidade comportamental. A

fundamentação em evidências atualizadas garante que o cliente receba a intervenção mais eficaz disponível. O erro comum é estagnar o conhecimento teórico na leitura básica do manual do VBMAPP, ignorando as pesquisas mais recentes que otimizam a aplicação prática dos procedimentos no autismo.

**Aula 16.2: A Importância da Supervisão Técnica Contínua** A supervisão técnica prestada por um analista do comportamento sênior é um pilar indispensável para garantir o alinhamento metodológico e a qualidade na aplicação do VBMAPP e no desenvolvimento dos planos de ensino. A supervisão oferece um espaço seguro para a discussão de casos complexos, análise rigorosa de vídeos de atendimentos, revisão do preenchimento de gráficos e ajuste fino de estratégias pedagógicas e comportamentais.

O profissional deve submeter a sua prática de testagem e intervenção à avaliação de um supervisor experiente de forma regular, aceitando feedbacks construtivos e reorientações operacionais para aprimorar o seu desempenho clínico. Essa cultura de supervisão continuada eleva drasticamente o padrão ético e técnico dos serviços oferecidos aos clientes. O erro é atuar de forma isolada sem qualquer acompanhamento de supervisão, o que favorece o acúmulo de vícios de aplicação e erros conceituais despercebidos pelo próprio aplicador.

**Aula 16.3: Estudo de Casos Complexos e Perfis Atípicos** A aplicação do VBMAPP em clientes que apresentam quadros de comorbidades graves, deficits sensoriais, limitação motora severa

ou comportamentos disruptivos de alta intensidade exige a adaptação minuciosa e individualizada dos procedimentos padrão de testagem. O estudo aprofundado de casos clínicos complexos capacita o profissional a tomar decisões estratégicas sem violar a essência conceitual dos operantes verbais avaliados.

O profissional deve desenvolver a habilidade de analisar analiticamente o comportamento frente a restrições biológicas ou ambientais atípicas, encontrando vias alternativas para evocar e mensurar o repertório comunicativo real da criança. O domínio na gestão de casos complexos amplia a resolutividade da intervenção clínica. O erro frequente é desistir de aplicar o VBMAPP em clientes com perfis mais desafiadores por considerar equivocadamente que a ferramenta serve apenas para crianças com quadros leves ou sem grandes barreiras comportamentais associadas.

Aula 16.4: Trabalho Colaborativo com a Família e Rede de Apoio A consolidação dos resultados mapeados e ensinados pelo VBMAPP depende da criação de uma rede de apoio coesa, empática e colaborativa envolvendo terapeutas, pais, professores e demais cuidadores do indivíduo. O profissional deve atuar como um facilitador do diálogo, promovendo a escuta ativa das dores e necessidades da família e construindo pontes funcionais entre a clínica e os demais ambientes comunitários.

O estabelecimento de uma relação de confiança mútua e respeito entre a equipe técnica e a família melhora a adesão às orientações e garante que a criança encontre suporte consistente em todas as esferas da sua vida. A transparência na comunicação dos dados de

evolução fortalece o engajamento de toda a rede de apoio. O erro crítico é adotar uma postura arrogante e prescritiva em relação aos pais e professores, desconsiderando os saberes e as limitações do contexto diário da família e da escola.

**Aula 16.5: Construção do Perfil Profissional do Avaliador VBMAPP**  
A construção do perfil de um avaliador de excelência no VBMAPP exige a combinação harmoniosa de sólido domínio conceitual da teoria do comportamento verbal, precisão metodológica na condução dos procedimentos, alta sensibilidade humana e postura ética inegociável. O profissional completo é aquele que enxerga além das pontuações e gráficos do protocolo, enxergando a pessoa em desenvolvimento por trás dos dados mensurados.

O aprimoramento contínuo das habilidades operacionais, associado ao compromisso genuíno com a autonomia e bem-estar do cliente e da sua família, consolida a reputação do especialista na comunidade profissional. O impacto final dessa dedicação é a transformação real da trajetória de aprendizagem e da qualidade de vida dos indivíduos atendidos. O erro final é reduzir o VBMAPP a um mero checklist burocrático de preenchimento de papeis, esquecendo que ele é um mapa para guiar o desenvolvimento humano integral.

## **Módulo Extra**

Fontes de referência sugeridas para estudos complementares

### **LIVROS**

SUNDBERG, Mark L. VB-MAPP: Verbal Behavior Milestones Assessment and Placement Program. Concord: AVB Press, 2008. Manual original de aplicação e guia do protocolo de avaliação dos marcos do comportamento verbal.

SKINNER, B. F. Verbal Behavior. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957. Obra clássica fundacional que estabelece a teoria analítico-comportamental dos operantes verbais adotada no protocolo.

COOPER, John O.; HERON, Timothy E.; HEWARD, William L. Applied Behavior Analysis. 3. ed. Upper Saddle River: Pearson, 2019. Livro-texto de referência mundial com os princípios teóricos e procedimentos operacionais da Análise do Comportamento Aplicada.

#### SITES E ARTIGOS

BEHAVIOR ANALYSIS IN PRACTICE. Periódico científico focado em artigos aplicados de intervenção comportamental, estratégias de ensino e avaliação no autismo.

JOURNAL OF APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS (JABA). Revista científica de maior impacto da área com pesquisas originais sobre análise funcional, operantes verbais e protocolos comportamentais.

#### NORMAS E/OU LEIS

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

## CURSOS COMPLEMENTARES

TREINAMENTO NO PROTOCOLO VB-MAPP DO INSTITUTO NEUROSABER. Curso de capacitação na aplicação prática do instrumento, interpretação de dados e elaboração do PEI.

CURSO DE EXPANSÃO EM COMPORTAMENTO VERBAL DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP. Formação focada na teoria do comportamento verbal de Skinner e suas aplicações clínicas no autismo.

## INSTITUIÇÕES RECONHECIDAS

ASSOCIATION FOR BEHAVIOR ANALYSIS INTERNATIONAL (ABAI). Organização internacional que define diretrizes, eventos e padrões de qualidade científica para a Análise do Comportamento.

BEHAVIOR ANALYST CERTIFICATION BOARD (BACB). Entidade internacional responsável pela certificação profissional e pelo código de ética dos analistas do comportamento.